

A sociabilidade nos condomínios fechados na Barra da Tijuca: estudo de caso Condomínio Península

Sofia Laudaes Faria

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Resumo

Esta pesquisa visa o estudo sobre como se dão as especificidades dos relacionamentos estabelecidos nos ambientes residenciais privados na Barra da Tijuca. Levando em consideração a literatura específica das áreas de Arquitetura e Urbanismo, Sociologia Urbana e Filosofia, e separados em áreas temáticas, tais quais, a construção e implementação da Barra da Tijuca, e análises sobre os condomínios fechados, com enfoque no condomínio Península. Assumindo a centralidade do conceito de “anticidade” atribuído ao bairro, pela prevalência de empreendimentos privados aos públicos, e assim, dificultando a possibilidade de associativismo e solidariedade orgânica (SANCHÈZ, 2009) e investigando se os condomínios fechados são capazes de mimetizar e experiência de cidade, com recortes explícitos de raça e classe. A etnografia foi realizada com observação participante do campo, e entrevistas com moradores diversos, e um ex-morador, além de análises das simbologias presentes no espaço. Desta forma, traçando uma perspectiva necessária sobre ambientes de elite artificialmente construídos na cidade do Rio de Janeiro, relativo ao restante da cidade, e como é construída uma divergente cultura local desta população circunscrita na lógica do capital privado e de hegemonia de classes, que predomina o individualismo.

Palavras-chave: Barra da Tijuca; Condomínios Fechados; Península; Experiência de Cidade.

Introdução

O estudo sobre elites no Brasil ainda é escasso, entendendo que as áreas sistematicamente marginalizadas tendem a ser os casos focais, justamente pela ausência de ação estatal efetiva, e pela necessidade de mapeamento de uma população extensa e digna de garantia de seus direitos civis, políticos, sociais e coletivos. Apesar disto, as elites contemporâneas presentes na Barra da Tijuca, que não são historicamente as elites da cidade do Rio de Janeiro, apresentam uma maneira diferenciada de experienciar a cidade, e em muitos casos, descorrelacionados de riqueza geracional, e sim de ascensão social. O bairro demonstra-se então, como o exemplo perfeito de como o capitalismo se enraizou na cultura de uma cidade, e como as disputas relacionais por poder foram explicitamente estabelecidas por empecilhos físicos de diálogo intraclasses.

O “bairro-condomínio” Península, localizado na Barra da Tijuca, zona oeste da cidade do Rio de Janeiro, foi desenvolvido pela Carvalho Hosken em uma área com mais de 780 mil m² e apenas 8% de edificações, com estimação de 25.000 moradores em 33 condomínios. A denominação “bairro-condomínio” é comum para a maior parte dos condomínios presentes na Barra da Tijuca, por se demonstrarem cada vez mais autossuficientes, com diversos empreendimentos inseridos no espaço para além das áreas residenciais, como shoppings, escolas, Igrejas, padarias, parques, entre outros.

O diferencial deste bairro-condomínio é seu marketing proferido sobre viver na cidade em contato com a natureza. As implicações para a sociabilidade em locais “artificiais” ou “não orgânicos” são tópicos que despertam interesse, quando se contrapõem às teorias sobre associativismo e relacionamentos, desenvolvidas pelas ciências sociais. “Sociabilidade” de acordo com o site Brasil Escola “se refere à capacidade de uma pessoa ou grupo se relacionar e interagir com outras pessoas em diferentes contextos sociais.”

Desta forma, a presente pesquisa procura investigar como a capacidade de socialização dos indivíduos moradores do condomínio Península se expressa, e como as simbologias no espaço influenciam na percepção e criação de uma nova cultura. Levando em consideração as contribuições acadêmicas das áreas de arquitetura e urbanismo como literatura específica, e pressupondo os conceitos fundamentais das ciências sociais com recorte urbano, como bases para reflexões e análises que seguirão.

Separarei este trabalho de forma horizontal, primeiramente haverá o esclarecimento sobre as conceitualizações e contribuições acadêmicas que embasaram este estudo; depois apresentarei minhas experiências em campo; E finalmente, as análises que perpassam as duas esferas. O método de pesquisa escolhido foi a pesquisa qualitativa, com cruzamento entre etnografia, observação de campo e entrevistas, e investigação bibliográfica. Para esclarecimento e transparência, trarei a ligação entre mim, a autora, e o objeto de estudo, apresentando raízes muito claras: sou moradora do condomínio. Sou natural de Belo Horizonte, Minas Gerais, mas fui criada no Península desde meus 6 anos de idade (2009).

A diferença de um bairro planejado para o restante da cidade é explícita, e a propaganda de morar em um mega condomínio, estrito para a classe alta carioca, que prega a harmonia entre o natural e o urbano soa pouco convincente. Precisa-se uma produção intelectual para que haja o entendimento de como se dão os relacionamentos interpessoais entre os moradores, e com o espaço. Não considerando a lógica estruturalista de que o espaço dita as experiências, mas refletindo que este espaço foi escolhido pelos moradores, e que o usufruto do recorte urbano por apenas uma classe traz observações relevantes.

Foto 1 – Print do Google Maps



Foto 2 - Retirada do site “OGlobo Rio” (2014)



Discussão teórica

Iniciarei a discussão sobre a caracterização das cidades com Max Weber em sua obra “Conceito e Categoria da Cidade”, publicação póstuma em 1921. Weber ao analisar a formação de cidades entre os estados germânicos no século XIX, traçou aspectos que conceituam a: cidade-urbana-moderna-ocidental. As categorias são necessariamente: muralha/fortaleza; mercado organizado; justiça e relacionamentos autônomos; e principalmente, associação. Outros tipos de cidades existiam no século XIX, porém, caso não se encaixassem nestes conceitos, não se categorizariam como modernas, ocidentais ou urbanas.

O associativismo para Weber delimita uma maneira fundamental de se experienciar o meio urbano de forma coletiva, analisa e prevê as interações entre os indivíduos, criando a vida social. A partir dos vínculos estabelecidos, poderia-se traçar perfis concretos, e observar qual material seria produzido por aquela comunidade. O “associativismo” de Weber, “vizinhança” e “urbanidade” para a Escola Sociológica de Chicago, e “sociabilidade” presente no título deste trabalho, serão conceitos precedentes para as considerações sobre os bairros do Rio de Janeiro.

Pierre Bourdieu, em sua obra “Efeito de Lugar” (1997) explicita estas dinâmicas como: disputas. Bourdieu foi contra a lógica estruturalista determinista, entendia e traçava compromissos com a historiografia e a estrutura, porém considerava a potência da agência dos indivíduos e as inscrições das formas relacionais, como protagonistas da realidade, ou seja, o pertencimento a uma classe não impede a subjetividade das experiências individuais. Dois conceitos importantes para Bourdieu são *habitus* e *campus*. O *habitus* é a corporificação da cultura, o enraizamento das distinções de classe no comportamento, sendo o próprio corpo a maior expressão da influência da sociedade nos indivíduos; já o *campus* é o espaço social transcrito no espaço físico, onde as dinâmicas de relacionamentos se dão como disputas constantes de poder. Logo, um corpo materialista situado em uma locação física é a reflexão de uma posição no espaço social. As lutas pelo espaço social podem ser realizadas de forma coletiva, e isto é ação política.

Ainda sobre disputas de classe, o livro “Tudo que é Sólido Desmancha no ar: Uma Aventura da Modernidade” (1982) de Marshal Berman, analisa “O Manifesto Comunista” do filósofo Karl Marx. O estabelecimento da burguesia como classe dominante, implantou a quebra total da solidez, havendo a diluição das formas locais de organização, e assim, sujeitando o espaço urbano, que deveria ser uma plataforma de sociabilidade, em uma mercadoria marcada por relacionamentos impessoais. Enquanto Max Weber apresentou a criação da cultura cívica associativista, Karl Marx apresentou o aumento do individualismo concomitante.

É central o entendimento das obras Bourdieu, Berman e Marx pois, explicitam que uma locação física com a lógica do capital privado, cria uma cultura social baseada no individualismo impessoal, e as relações (disputas) intraclasses criam as dinâmicas do urbano, porém a construção da Barra da Tijuca foi metodicamente planejada para que esta interlocução, não se expressasse. Com a apresentação da literatura básica de conceitualização do espaço urbano, iniciarei a discussão teórica específica, com trabalhos da área de Arquitetura e Urbanismo que retratam a construção e implementação da Barra da Tijuca, e o assentamento de condomínios fechados.

Assim como o estado da Califórnia nos Estados Unidos carece de cultura própria logo, apropria-se de referentes europeus, criando hiper-realidades saudosistas de um passado imaginário (JAGUARIBE, 1998), a Barra da Tijuca muitas vezes é descrita como “A Miami brasileira”. A falta de história, cultura e sentimentalismo populacional próprio, a caracterizaria como um “não-lugar” (AUGÉ, 1994), conceito que inspirou a mestra em arquitetura e urbanismo Natália Padilha Sanchèz, em sua dissertação de mestrado “A invenção da Barra da Tijuca: a anticidade carioca” apresentando o conceito central desta pesquisa.

A *anticidade* então, é o conjunto de *não-lugares*, relacionados à prevalência de empreendimentos privados, é o avesso da construção orgânica e inesperada de uma cidade como o Rio de Janeiro, em virtude da busca pela homogeneidade, planejamento e isolamento. Há dificuldade de associativismo no espaço urbano, uma vez que os espaços públicos de interação são restringidos. As áreas residenciais sendo apenas condomínios fechados de luxo, apresentam uma nova maneira de vivenciar a experiência de cidade, criando invisibilização de classes e a privatização do direito à cidadania.

O artigo “Privatização do Espaço Coletivo na Metrópole Contemporânea: o Caso da Barra da Tijuca (Rj)” também de Natália Sanchèz em conjunto com Angélica A. T. Benatti Alvim e Gleison Renato de Sousa Menezes, demonstra como o bairro foi destituído de significado quando o capital privado se responsabilizou como produtor do espaço, privatizando diversos aspectos como a natureza, cultura e direitos sociais e coletivos, criando uma nova forma de sociabilidade. A arquitetura foi obstruída limitando a ação coletiva, demonstrando a chegada de uma modernidade que não prezam pelo bem-estar-social, e sim, o bem-estar-individual.

Os “enclaves fortificados” (CALDEIRA, 2000), são espaços privados de “uso coletivo” que poucos acessam, e relacionam-se com o “Direito à Cidade” (LEFEVRE, 1968) expondo como a construção de espaços físicos designados a classes distintas, realizam a autoria de opressões. Então os condomínios fechados apresentam demanda, por oferecerem espaços de lazer e de sociabilidade para/com seus semelhantes, ademais de uma fuga segura do caos de uma cidade violenta, demonstrando a centralidade da homogeneidade de classes sociais na procura ativa dos ambientes de moradia.

Etnografia

O processo de etnografia foi separado em duas etapas: 1ª) observações com esforço e tentativa de abstração da realidade, utilizando o meu cotidiano como ferramenta; 2ª) composta por 5 entrevistas, sendo 4 candidatos moradores atuais e 1 ex-morador. No dia 22 de maio, exercitando a capacidade de análise, reparei na grande estátua de Hércules com um leão envolto em um manto logo na primeira entrada do condomínio, antes da cancela. Alguns podem dizer que as estátuas/esculturas espalhadas pelo Península não têm significado se não, pelo acúmulo de capital cultural e estético –em termos Bourdieusianos– arte no cotidiano nem sempre é percebida, mas atua na subjetividade.

Hércules é caracterizado como um semideus grego, muitas vezes visto como um herói por seu grande feito: "ter deixado o mundo seguro para a humanidade". Muito significativo quando ligamos que a simbologia disto implica que a partir daquelas cancelas, você estará protegido do mundo externo, não somente pelo próprio isolamento físico, mas por um dos maiores guerreiros da história. Segurança esta, que não se reduz apenas ao controle de quem frequenta, mas de independência estatal, ao ponto de que as necessidades relacionadas a cidadania são sustentadas pelo padrão de consumo.

Visitei então o “Jardim das Esculturas”, localizado em uma das entradas da Trilha Ecológica Urbana Luiz Emygdio de Mello Filho, onde concentram-se o maior número de réplicas de esculturas no condomínio. A maioria é baseada na estética greco-romana, representando a Vênus de Milo, Vênus Calipígia, Vênus ao Banho, As Quatro Estações, Afrodite, entre outras. A única estátua diferenciada é a Arabian Nude, representando uma mulher árabe com corpo menor e com mais curvatura, divergente das outras, “versão da escultura do século XIX ‘A escrava Grega’ de Hiram Powers”.

Foto 3- “Virgem Vestal”



Foto tirada pela autora.

A foto 3 expõe a escultura Virgem Vestal “sacerdotisa responsável pelos cuidados do templo”. O culto das virgens vestais consiste em grupos de mulheres que praticavam a virgindade por 30 anos, dedicadas a Vesta, deusa dos lares que garantia a paz na Roma Antiga. Sendo esta, a última escultura antes de adentrar a trilha do Península, simbolizando que o manguezal estará sob os cuidados da sacerdotisa, e talvez se relacione com a pureza da natureza presente na Trilha Luiz Filho considerando-a como a única mata nativa (virgem) do condomínio.

Para além das 31 áreas residenciais e a ASSAPE, o condomínio contém uma igreja católica, um shopping, uma escola bilíngue, um hotel de longa estadia – conhecido como asilo – e 2 bancas de jornal. No shopping “Península Open Mall”, inaugurado no ano de 2012/2013, é definitivamente o local onde mais agrupa pessoas de diferentes partes do bairro-condomínio, e estão contidos restaurantes, farmácia, supermercado, salão de beleza, entre outros empreendimentos do cotidiano.

Procurando locais de socializações claras, fui ao campo de futebol de grama sintética presente logo após as entradas principais. Estava acontecendo uma aula de futebol de crianças entre 6-8 anos de idade, era por volta de 18:45, que me proporcionou presenciar uma dinâmica clara, mas subentendida, de disputa. Era o momento de troca da guarda das crianças, das babás para os pais que chegavam do trabalho. As crianças demonstraram alegria ao enxergar os pais, mas não ignoravam as babás e sim as integravam nos cumprimentos. Uma certa tensão foi estabelecida pois, por mais que os pais sejam os contratantes, a intimidade era traçada entre as funcionárias e as crianças, e com a chegada dos pais, a instituição de disputa de poder foi cerrada.

Após uma descrição infraestrutural, apresentarei relatos de alguns moradores sobre suas respectivas vivências. A primeira entrevista foi realizada com Wagner dos Anjos da Silva, que mora com a esposa há 14 anos no condomínio Via Privilege. Wagner ocupa uma posição única, é conselheiro, ou seja, representante do condomínio na ASSAPE (Associação Amigos da Península).

Wagner morava no bairro de Botafogo na zona sul do Rio de Janeiro, e afirmava nunca se mudar para a Barra da Tijuca por ser longe do centro, mas que ao ver o Península automaticamente se imaginou morando ali, comprou o apartamento ainda na planta em 2008 e mudou-se efetivamente em 2010. Relata que o maior benefício do condomínio é que, se consegue ter uma “vivência de bairro”, ou seja, usufruir do espaço a pé e conhecer pessoas nas áreas comuns, onde na Barra da Tijuca é inviável, pois foi desenvolvida para transitar apenas de carro. Então, Wagner conseguiu reproduzir sua “vivência de zona sul” em um lugar “seguro, limpo e agradável”.

A segurança apareceu algumas vezes nas respostas dos entrevistados, sendo um ponto central na escolha da maioria dos moradores, considerando os altos índices de violência na cidade. Além de elogiar a localização, pois o Península é cercado de diversos shoppings centers, que suprem todas as suas necessidades e lazeres. Ao mesmo tempo, confessa que gostaria de usufruir mais das áreas comuns como a piscina, sauna e academia, mas que espera se aposentar de seu trabalho como gerente de banco, em 2 anos.

Quando perguntado sobre seu relacionamento com os outros condôminos Wagner, contrariamente aos outros entrevistados, diz que as pessoas na Barra da Tijuca são bastante abertas, e diz saber quem são seus vizinhos, coisa que em Botafogo, ele e sua esposa desconheciam. Dispõe de amigos em outros condomínios e que frequentemente se encontram nos respectivos prédios ou no Península Open Mall, ou até nos shoppings em volta, que é muito conveniente chegar em 5 minutos de carro e em segurança.



Sobre os pontos negativos do condomínio a resposta foi unânime: o trânsito. O condômino afirma ser a logística da Barra da Tijuca, e não do Península, mas diz não se preocupar pois era sabido que esta seria uma condição de morar ali, costumando sair da Barra apenas para seu trabalho no Leblon. O trânsito do bairro é muito intenso pois os meios de transporte coletivos são precários, restando apenas o carro individual. Há conhecimento e preocupação, sobre a problemática apontada como a pior do condomínio, por parte da ASSAPE (Associação Amigos da Península), que organiza uma revista com edições mensais sobre o Península. Pelo aplicativo da associação, acessei a edição nº 172 de título e subtítulo “TRÂNSITO CAÓTICO: Com a proximidade do fim do ano, os engarrafamentos na região dobraram. A Associação segue buscando alternativas junto ao poder público, mas a solução ainda não veio”.

Como já comentado acima, Wagner da Silva é conselheiro da Associação Amigos da Península, formado por 33 conselheiros, um membro de cada condomínio, caso nenhum morador se disponibilize, esta função é acumulada ao síndico. Ele afirma que a associação só existe para preencher uma lacuna estatal, e frisa que os conselheiros não são funcionários, são moradores que se voluntariam para participar da vida político-administrativa do condomínio, dispondo de nenhum benefício financeiro, pois o conselho não apresenta fim executivo.

Há por volta de 50 administradores da ASSAPE, responsáveis pela parte operacional, como a contratação das empresas de ônibus, limpeza, segurança e paisagismo; E o conselho participa com a visão sobre priorização das tarefas a serem realizadas, ademais da interlocução com a prefeitura, com os órgãos públicos de segurança e com a construtora Carvalho Hosken, responsável pelo desenvolvimento e construção quase inteira do bairro-condomínio. A interlocução com a prefeitura é necessária pois, por mais que o condomínio seja fechado, não podem impedir o trânsito de pessoas, então há tentativa de monitoramento. Mesmo assim, muitos moradores parecem não entender as limitações do local onde vivem, e reclamam constantemente para colocar seguranças em locais que não fazem parte da área delimitada pelo Península.

Diz como a ASSAPE não apresenta lucro, e tudo que arrecada é devolvido em forma de serviços. A associação proporciona eventos --como a festa junina, realizada entre os dias 4 e 5 de agosto, e movimenta cerca de 2.000 moradores por dia de festa --pois, sabe que é preciso levar momentos de lazer para dentro do condomínio já que seu isolamento físico dificulta o acesso dos moradores a tais serviços. O lucro é utilizado para pagar os animadores da festa e a manutenção. Durante a festa junina de 2024, notei que haviam “barraquinhas” com o nome da ASSAPE, mas ao questionar os trabalhadores, houve a confirmação que a Associação concede a estrutura para pequenos vendedores que não conseguiram ou não portam as próprias barracas.

Sobre as implicações ambientais, e considerando a centralidade do capital verde – quando um empreendimento privado utiliza do meio ambiente como potencializador monetário – a ASSAPE contrata o biólogo Mario Moscatelli, mestre em ecologia, e especialista em gestão e recuperação de ecossistemas costeiros. Ele realiza o replantio de mudas, entendendo quais espécies de plantas convivem melhor e evitando criar um ecossistema hostil, ademais de utilizar sua sabedoria sobre áreas de manguezal e restinga, ponto crucial do contato dos moradores com a natureza através da trilha. Moscatelli conjuntamente com a ASSAPE participaram das decisões sobre a implementação das ecobarreiras na Lagoa da Tijuca, e mais recentemente, nas decisões sobre processo de limpeza do complexo lagunar de Jacarepaguá, estimando um trabalho de 2 anos sob a área que se estende o condomínio.

Tirando a área do manguezal, toda a natureza presente em sua extensão é plantada, e foi realizado muito estudo em colaboração com Moscatelli, para que houvesse o enriquecimento do solo



na medida do possível. A diversidade da flora é alta, sendo presente as respectivas árvores pela extensão das três ruas principais: Avenida Flamboyants, Avenida das Acácias e Rua dos Jacarandás.

A segunda entrevista foi com Beatriz Meirelles Sigaud de 54 anos, que me apresentaria uma vivência diferente de Wagner. Beatriz é casada e têm dois filhos, o mais velho com 17 anos e a mais nova com 13 anos de idade, e mora no condomínio Via Privilege há 5 anos. Ela foi criada em Ipanema na zona sul do Rio de Janeiro, e morava em Fonte da Saudade, na Lagoa antes de se mudar. A entrevistada apresentou alguns motivos para a mudança: 1º abriu uma nova unidade da escola de seus filhos, antes em Botafogo, agora em frente ao Península; 2º por mais que o apartamento fosse bom, ela sentia falta de equipamentos desportivos para as crianças em seu antigo prédio; 3º iniciou um emprego *home office*; 4º encontrou no Península a possibilidade de realizar as atividades do cotidiano andando. Apesar de estar satisfeita com o condomínio, diz se sentir mais à vontade em Ipanema “lá é meu porto seguro”.

Beatriz e sua família passaram cerca de 9 meses procurando o apartamento ideal, e após quase um ano de reforma, se mudaram em dezembro de 2019. Em março de 2020 teve início a pandemia da Covid-19, dificultando suas vivências e expectativas com o novo ambiente. Diz ter se mudado priorizando os filhos, mas é a que mais aproveita as oportunidades do condomínio, malhando de manhã, depois praticando natação, mas que só é viável por seu emprego remoto como consultora ambiental. Demora de 4 a 5 minutos de carro para levar os filhos na escola, e eles voltam com o ônibus do condomínio, que após a abertura da escola, estabeleceu um ponto ali. Mais uma vez o próprio condomínio admitindo a questão do trânsito na Barra da Tijuca, e oferecendo transporte com rotas que perpassam todo o bairro, trocando a frota inteiramente a cada 3 anos.

O condomínio contrata a empresa de ônibus “Tursan” que fazem os seguintes 4 trajetos: Linha Via Parque- o ônibus sai do condomínio e para no shopping Via Parque presente a menos de 2km de distância; Linha Metrô Direto- ônibus sai do condomínio e para na estação de metrô do Jardim Oceânico sem outras paradas; Linha Américas- sai do condomínio e perpassa pela maioria das escolas presentes na Barra da Tijuca, pela Avenida Ayrton Senna, e pelo Barra Shopping; Linha Quebra-mar- primeiramente vai até o Rio Desing Shopping (sentido Recreio), depois segue para o metrô do Jardim Oceânico e volta pela Av. das Américas e pela Av. Ayrton Senna. Há diferenciação do público que utiliza cada um dos ônibus, sendo o ônibus Via Parque com maior fluxo de funcionários e o ônibus Metrô permitido somente para moradores.

Beatriz afirmou não ter desenvolvido um relacionamento estreito com outros condôminos, parecido como era na Lagoa “sinto que em áreas mais pobres as pessoas se ajudam mais por necessidade, elas desenvolvem um senso de comunidade mais estreito, a classe média alta não tem isso, seja aqui ou seja lá.” A problemática principal apresentada pela entrevistada foi o trânsito, descrevendo como “agoniante”. Um dos interesses do Península com o projeto da Iguá Saneamento, sobre a limpeza do complexo lagunar de Jacarepaguá, não se reduz apenas pela posição do condomínio -completamente cercado pela Lagoa da Tijuca-, ou pelos animais que residem nas áreas de mangue; Há promessas que com o término da limpeza, haverá implementação de transportes hídricos, possibilitando outras formas de mobilidade, diminuindo o trânsito de carro. Porém voltaria a poluir as lagoas de formas diferentes, não mais com descarte incorreto de esgoto e lixo, mas com a queima e despejo de combustível.

Ao listar os pontos positivos da Barra da Tijuca, Beatriz gosta da amplitude das avenidas, a maneira como os prédios são espaçados, e a presença da natureza. Já os pontos negativos são sobre a necessidade de carro, e a dificuldade na sociabilidade por falta de espaços comuns. Acredita que há

pouca conscientização ambiental por parte dos condôminos, e não observa movimentação do condomínio em realizar propagandas de educação ambiental; ela percebe pela separação errônea entre lixo orgânico e reciclável.

Como a arquitetura do bairro foi implementada pensando no trânsito de carros, não há trocas intraclasses. Não há população em situação de rua pelas calçadas -pois seriam má sucedidas, pela falta de tráfego a pé-, concomitantemente todos os serviços públicos se expressam, criando uma falsa realidade distorcida no imaginário coletivo que os problemas não existem. A vida na Barra da Tijuca é solitária, e assim, diminui a conscientização populacional de forma generalizada, incluindo a ambiental. O individualismo pode ser observado no esporte. Não posso afirmar que tênis é o esporte mais praticado no Península, porém, há 9 quadras de tênis espalhadas pelo condomínio, insuficientes para a demanda, em contraponto há 1 de futebol de grama, 3 de futsal/basquete/vôlei, e 3 quadras de areia. O tênis é um esporte considerado de elite, praticado de forma individual, podendo haver no máximo 2 jogadores de cada lado.

A terceira entrevista foi realizada no dia 27/06 com o influenciador digital de 21 anos, Daniel Aragão Louzada que mora no Península há 4 anos, e atualmente divide apartamento no condomínio Via Bella com sua namorada, também *influencer* Beatriz Boeke. O conteúdo produzido pelo casal é sobre academia e exercícios físicos, e suas rotinas se baseiam em ir para academia na frente do condomínio, passear com o cachorro e trabalhar de casa, sendo o Península, um local que atende suas necessidades. Afirma que a maior problemática é haver pouco espaços fechados para usufruto dos cães, considerando o alto número de animais de estimação dos residentes. O entrevistado morava em Jacarepaguá, também na zona oeste, e não apontou tantas diferenças entre bairros, mas enfatiza a segurança proporcionada. Outra problemática, além da falta de espaços diferenciados para a diversão dos cachorros, é a necessidade de carro para se locomover na Barra da Tijuca.

Cristina Simone Magalhães de 67 anos, foi a 4ª entrevistada, é aposentada, e mora sozinha no condomínio Saint Barth. Mudou-se para o Península no ano de 2013 motivada pelas jornadas de junho, a onda de manifestações no Brasil aumentou o nível de violência em seu antigo bairro, Leblon, tendo sofrido 3 assaltos no primeiro semestre do ano. Cristina é muito motivada pela busca por segurança, sendo este tópico recorrente em suas respostas, inclusive acredita que o condomínio deveria ser completamente privado.

Achei interessante entrevista-la pois é uma idosa que mora sozinha em um dos condomínios com maior estrutura do Península, e faz parte do grupo de moradores que cuidam diariamente dos gatos. Cristina afirma não possuir uma rede de amigos por vontade própria, e crê que desenvolveu ansiedade social pós pandemia da Covid-19, saindo do Saint Barth apenas para frequentar o Península Open Mall, e os gatos também movimentam sua rotina.

É uma das maiores defensora dos animais, recebendo um prêmio da ASSAPE por seu trabalho de fiscalização e cuidado com os gatos. Ela realizou o movimento de colocar cartazes e propagandas, adjunto da ASSAPE, por todo o espaço para que as pessoas tenham noção das ações que se enquadram como maus tratos, quais as penalidades e como denunciar. Uma das centralidades em frisar a monitoria de frequentadores do Península, é porque 95% dos casos de maus tratos aos animais, são realizados por não moradores.

Foto 4 - Propaganda sobre maus-tratos aos animais.



Legenda: "É LEI! A Lei Estadual 4.597, de 16 de setembro de 2005, determina um conjunto de regras para os cães. O descumprimento prevê multa de até R\$22,6 mil (considerando o valor da Ufir-RJ de 2004) e apreensão do animal em caso de reincidência. Ao identificar qualquer irregularidade, denuncie! USE A GUIA! RESPEITE SEU VIZINHO! 190". Foto tirada pela autora.

Cristina aprecia a arquitetura ampla da Barra da Tijuca, diz que diminui o sentimento sufocante e estimulante que uma grande cidade pode proporcionar. O trânsito foi declarado o pior problema pela condômina, mas ao mesmo tempo, elogia a falta de transporte público, "dificulta a vinda de outras pessoas aqui, até porque a Barra foi projetada pra isso mesmo". A insegurança alimentada por diversos atores que com isso, efetivam seus interesses, desencadeia uma busca desenfreada por proteção que se sustenta através de discursos de cunho elitistas.

A quinta entrevista foi realizada com o meu cunhado, um ex-morador do condomínio analista administrativo de uma empresa na área da educação, Caio Severo Macieira Chaves de 24 anos. Caio e sua família moraram no Península durante 14 anos, de 2006-2020. Eles moravam no bairro da Tijuca, e após sofrerem dois assaltos e uma tentativa, decidiram se mudar com intuito de fazerem os filhos terem a possibilidade de experimentar a infância livre, sem preocupação de violência em seu cotidiano. Na época, por ser um condomínio menor e mais novo, o entrevistado afirma o cuidado maior da associação com os moradores e com a segurança.

O Península era perfeito para preencher as necessidades e lazeres de sua família, e afirma que tinham uma vida bastante ativa nas áreas de usufruto coletivo, costumavam sair do condomínio apenas para escola e trabalho. Na época havia vontade de privatizá-lo por inteiro podendo assim enfatizar a segurança, que era um desejo de sua família, porém, a associação teria que se responsabilizar por serviços públicos como correios, coleta de lixo etc. Caio traz que quem procura morar na Barra da Tijuca procura um local diferente que o Rio de Janeiro pode oferecer sendo “novo, afastado e seguro”, ele e sua família se mudaram por questões financeiras, mas demonstra vontade de voltar, sendo um local ideal para se construir uma família.

Análise e conclusão

Após a apresentação dos relatos fornecidos pelos candidatos, sendo eles: um conselheiro do condomínio Via Privilege na Associação Amigos da Península (Wagner); minha vizinha de andar, mãe de dois filhos birraciais (Beatriz); um jovem influenciador digital de 21 anos que divide o apartamento com sua namorada no Via Bella (Daniel); uma senhora idosa que têm sua vivência limitada ao condomínio, e é cuidadora dos gatos (Cristina); e um ex-morador que morou desde a inauguração do condomínio e se mudou por questões financeira (Caio). Relacionando com a literatura apresentada na discussão teórica, podemos traçar algumas análises que tangem a realidade da expressão da sociabilidade e condição de vida dos moradores do condomínio Península.

A simbologia se demonstra como algo determinante na (não) percepção de um cotidiano “natural”, com as estátuas, a convivência com o meio ambiente higiênico, a falta de meios de transporte, a homogeneidade de classes, entre outros. Porém existem certos lapsos da realidade que expõem a organicidade presente no espaço urbano, que os condomínios fechados, a partir da privatização do acesso a cidade, tentam, e muitas vezes conseguem, se distanciar, como por exemplo, o trânsito.

A ocupação da Barra da Tijuca foi impulsionada por uma insatisfação governamental com a zona sul da cidade, sendo o Plano Piloto desenvolvido inteiramente pelo arquiteto e urbanista Lúcio Costa nos anos de 1980. O novo bairro seria planejado com arquitetura hostil, específico para uma classe social, e com obstáculos tanto para a chegada quanto para o usufruto de classes mais baixas. A maneira de se realizar isto foi configurando espaços privados por toda sua extensão, sem presença de praças e áreas públicas de socialização. A questão da moradia foi o foco desta pesquisa pois são exemplos claros dos “enclaves fortificados” definidos por Teresa Caldeira.

Como Natália Sanchèz deixou claro, a Barra da Tijuca não contém os “pré-requisitos” para a contemplação da experiência de cidade, pela privatização do espaço que reprime a possibilidade de associação e desenvolvimento de coletividade inerente. Desta forma, esta pesquisa teve como hipótese se os condomínios residenciais fechados, especificamente o Península, se esforçam e são capazes de mimetizar o exercício urbano em menor escala com recortes explícitos, a partir da escuta de 5 relatos. De forma unanime, a insegurança presente na cidade -cerca de 70% do território é controlado por facções criminosas, ou de tráfico de drogas ou milícia- faz com que a busca por proteção se acentue, sendo o capital privado, um meio para seu alcance. O Península demonstrou-se como local que estabeleceu tranquilidade para divergentes células familiares, sendo esta segurança efetiva ou não, a crença é legítima.



Observa-se que a organicidade está presente no condomínio mesmo que este tenha sido construído baseado na artificialidade, sendo a Barra da Tijuca a “anticidade”, mas a experiência do meio urbano reproduzida nos condomínios fechados. Dito isto, os entrevistados não demonstraram interesse ou existência de relacionamentos com outros moradores, podendo ser uma questão relacionada ao tamanho pequeno da amostra (5 pessoas), ou um sentimento relacionado ao individualismo cultural estabelecido por uma ambientação privado. Assim, a sociabilidade é oferecida e impulsionada, mas não necessariamente efetivada, sendo a falta de diálogo intraclasses talvez, um potencializador deste resultado.

Referências bibliográficas

<https://www.peninsulanet.com.br/>

WEBER, M.: “Die Stadt”, em *Wirtschaft und Gesellschaft*, Tübingen, J. C. B. Mohr, 1947, 3.^a ed., 2 vols., tomo II, pp. 514-601 (em inglês: *The City*, Londres, Heinemann, 1960, 242 pp.).

JAGUARIBE, Beatriz.: *Fins de Século e a Cultura no Rio de Janeiro*; cap.4. *A Barra da Tijuca e as Estéticas do Consumo*, 1998.

BERMAN, M.: *Tudo que Que é Sólido Desmancha no Ar: A Aventura da Modernidade*, cap. 2. 1982

ALVIM, A. T. B.; SANCHEZ, N. P.; MENEZES, G. R. S. *Privatização do Espaço Coletivo na Metrópole Contemporânea: o Caso da Barra da Tijuca (Rj)*. In: *I ENANPARQ - arquitetura, cidade, paisagem e territórios: percursos e prospectivas*. Anais... Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2010.

COSTA, L. *Plano Piloto para urbanização da baixada compreendida entre a Barra da Tijuca, o Pontal de Sernambetiba e Jacarepaguá*. Estado da Guanabara, Rio de Janeiro, 1969

SANCHEZ, N. P. *A invenção da Barra da Tijuca: a anticidade carioca*. São Paulo: MACKENZIE, 2009. 151 p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo. 2009

CALDERIA, Teresa “*Cidade de muros: Crime, Segregação e Cidadania em São Paulo*”, 2000